

LUCROS ROBUSTOS
CANETAS EMAGRECEDORAS
ANIMAM O MERCADO

ECONÔMICO
Valor

VACINAS
PAÍS RETOMA
PROTAGONISMO

SETORIAL

JUNHO 2026



SAÚDE

WWW.VALOR.COM.BR



AGENDA DE CUIDADOS

OS DESAFIOS E OS AVANÇOS DE UM SETOR TRILIONÁRIO



Cristália. Radicalmente inovador. Orgulhosamente brasileiro.

Com 54 anos de trajetória, o Cristália mantém um compromisso contínuo com Pesquisa & Desenvolvimento. Apenas nos últimos cinco anos, a empresa investiu cerca de R\$ 1 bilhão na criação de novas terapias, ampliando o acesso a medicamentos inovadores e contribuindo para posicionar o Brasil na fronteira da ciência médica.

Conheça alguns dos avanços que traduzem essa vocação para inovar:

- Kollagenase®**
Primeira colagenase *animal-free* desenvolvida a partir da biodiversidade brasileira. Disponível em pomada, é indicada para auxiliar a cicatrização de úlceras e lesões cutâneas.
- Ketamin®**
(cloridrato de escetamina)
Anestésico indicado para procedimentos cirúrgicos e diagnósticos de curta duração que não exigem relaxamento muscular esquelético.
- CRISCY® (somatropina)**
Hormônio do Crescimento Humano recombinante (rhGH). O Cristália é o primeiro laboratório brasileiro a desenvolver e produzir rhGH com tecnologia nacional. O medicamento é distribuído pelo Sistema Único de Saúde (SUS), beneficiando mais de 30 mil crianças e adolescentes.
- Helleva®**
(carbonato de iodenafila)
Medicamento oral indicado para o tratamento da disfunção erétil masculina. Trata-se do primeiro fármaco sintético com essa finalidade desenvolvido integralmente no Brasil, desde a concepção da molécula até o produto final. É a quarta molécula original no mundo para essa indicação.
- Polilaminina®**
Composto biotecnológico desenvolvido em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a partir da polimerização da laminina, proteína presente na placenta humana. A tecnologia investiga a regeneração de neurônios e axônios, com potencial para restaurar conexões neurais e contribuir para o tratamento de lesões medulares, como em casos de paraplegia e tetraplegia. Substância em estudo clínico de segurança em humanos aprovado pela Anvisa.



/INSUMOS/

INDEPENDÊNCIA OU INSEGURANÇA

PRODUÇÃO DE INSUMOS FARMACÊUTICOS ATIVOS (IFAS) NO BRASIL
SAI REFORÇADA APÓS O INÍCIO DO CONFLITO NO IRÃ

POR CARLA JIMENEZ

16

O conflito no Irã, iniciado em fevereiro deste ano, pôs o comércio mundial em sobressalto e obrigou as farmacêuticas brasileiras que dependem de matérias-primas importadas da China e da Índia a mudar a rota logística para evitar o espaço aéreo na região do embate. Além do encarecimento dos fretes dos Insumos Farmacêuticos Ativos (IFAs), a guerra retomou uma questão iniciada na pandemia de covid-19: a necessidade de ampliar a produção de IFAs em solo brasileiro para reduzir a dependência do exterior e garantir o suprimento. Hoje, pelo menos 90% dos IFAs utilizados no Brasil vêm de fora.

MERCADO EM EXPANSÃO

US\$ 230 bilhões foi o valor global da produção de Insumos Farmacêuticos Ativos (IFAs) em 2025

6% é a projeção de crescimento anual da produção até 2030

7% do consumo global de IFAs ocorre na América Latina

2% dos IFAs são produzidos no continente

2 mil é o número de insumos farmacêuticos registrados na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)

Entre **150 e 160** IFAs são produzidos no Brasil

US\$ 2,7 bilhões foi o déficit em 2025 da balança comercial de IFAs

Fonte: Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi)



DIVULGAÇÃO



Arcuri, da Farma Brasil, conta que antes do governo Collor o Brasil produzia 50% dos IFAs dos medicamentos

O objetivo do governo federal é, a priori, reduzir as vulnerabilidades do Sistema Único de Saúde (SUS) e diminuir o impacto das importações de IFAs na balança comercial. Hoje, a balança de insumos farmacêuticos é deficitária em mais de R\$ 20 bilhões, segundo informações do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic). Somente com IFAs, em 2025 o déficit foi de R\$ 2,7 bilhões, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi). “O IFA é o principal item dessa indústria, mas, além dele, há os insumos intermediários, comprados da China”, explica Norberto Prestes, presidente da Abiquifi.

Como parte da política industrial batizada de Nova Indústria Brasil

(NIB), lançada em 2024, estão previstos investimentos de R\$ 65,88 bilhões no chamado Complexo Econômico Industrial da Saúde (CEIS) para adensar a cadeia produtiva do setor farmacêutico, segundo dados do Mdic – sendo R\$ 26,4 bilhões em recursos públicos até 2026 e R\$ 39,5 bilhões em investimentos privados até 2029.

O equilíbrio na balança, contudo, ainda vai levar um bom tempo. A associação Farma Brasil, que reúne 12 das principais farmacêuticas do país, projeta uma redução de 15% do déficit do setor em 2035, caso políticas voltadas ao segmento sejam mantidas de maneira consistente. “Não é algo que muda de um ano para outro”, reconhece Fernanda De Negri, secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação

do Ministério da Saúde. “Não vamos superar a dependência externa se não desenvolvermos capacidade endógena de pesquisa para que o Brasil gere inovação”, completa.

Sob essa diretriz, o país está fomentando as bases para que o setor invista na chamada inovação radical, medicamentos e tecnologias de alto impacto. A secretária cita o aumento de participação brasileira em pesquisas globais como um indicador de que os setores público e privado estão apostando para valer no adensamento das cadeias. Segundo relatório da IQVIA, empresa de tecnologia de informação voltada à área de saúde, de 2024 para 2025 a participação do Brasil na pesquisa clínica mundial passou de 1,8% para 2,2%. “E o relatório ainda não captou todo o crescimento nessa área, que se traduzirá em novos medicamentos”, diz De Negri.

Em março deste ano, a Brainfarma Indústria Química e Farmacêutica, do grupo Hypera Pharma, por exemplo, inaugurou uma unidade em Anápolis (GO) para produzir o Buscopan com a utilização de um IFA próprio, a escopolamina. O insumo será desenvolvido a partir da planta du-boisia, que será cultivada no Paraná.

O Instituto Butantan também começa a trabalhar para desenvolver a cadeia de produção completa da vacina dTpa, ou tríplice bacteriana (contra difteria, tétano e coqueluche), e a da vacina contra o vírus HPV, incluindo os IFAs de ambas. O Butantan recebeu um aporte de R\$ 1,4 bilhão do governo federal para a construção de duas novas fábricas de vacinas, além da ampliação de outras duas.

O governo do Estado de São Paulo também fez um aporte vultoso, de quase R\$ 1,4 bilhão, além da doação

de um terreno de 46 mil metros quadrados na capital paulista para novas instalações e investimento na produção de vacinas, como a da dengue. Um novo prédio será construído para o desenvolvimento de bancos de cepas da influenza.

Ao todo, sete edificações novas estão sendo erguidas para atender às novas demandas, que incluem o investimento em terapias para a cura de alguns tipos de câncer. “Todas essas plataformas de produção estão sendo feitas para o desenvolvimento de IFAs locais, e em muitas delas já estamos caminhando para a autossuficiência”, diz Esper Kallás, diretor do Instituto Butantan, que vê o momento atual do setor com “extremo otimismo”.

Para ele, o Brasil poderia viver “uma revolução na biotecnologia” se o setor continuar sendo tratado como prioridade. “É possível? Sim. É difícil? Sim. Mas quando o país disse que poderia chegar a produzir 100 milhões de toneladas de grãos, todos diziam que era loucura”, completa Kallás, lembrando os desafios do início dos anos 2000. Hoje, o agronegócio produz mais de 350 milhões de toneladas de grãos por ano.

Trata-se de uma decisão de interesse de todos os atores hoje envolvidos na expansão do setor, mas que ainda gera insegurança, especialmente em um ano eleitoral. Com a polarização, executivos ficam temerosos sobre o que é política de Estado ou do governo da vez. “Às vezes você não consegue passar projetos que dependem do apoio de mais de um grupo político”, observa Marcelo Mansur, CEO da Nortec Química, que produz IFAs sob encomenda.

Mansur cita como exemplo as chamadas Parcerias para o Desenvolvimento Produtivo (PDPs), que



DIVULGAÇÃO

precisam ser aprovadas por comissões intersetoriais no governo e por vezes dependem também do Congresso Nacional na regulamentação de seu arcabouço legal. Segundo dados do Ministério da Saúde, há hoje 174 projetos de PDPs em análise, sendo que boa parte deles pede autorização para medicamentos que incluem a produção da cadeia completa, incluindo os IFAs.

No ano passado, a Nortec fechou parceria com a Science Biotech voltada à produção de uma molécula inédita para o tratamento da doença venosa crônica. O grupo também começa a entrar no ramo de medicamentos oncológicos de alta potência. Com a instabilidade aberta desde fevereiro diante da crise no Irã, a companhia acabou convencendo alguns fabricantes locais a firmar contratos para a compra de insumos no Brasil, relata Mansur. “Já

estamos fechando novos clientes no Brasil e no exterior”, conta o CEO da Nortec, que admite que o cenário externo turbulento ajudou a reforçar o argumento de venda. “Eu ofereço estabilidade e estou mais perto do que os fabricantes da China, meus concorrentes”, diz.

O domínio completo da cadeia de produção é um diferencial para quem já apostava na produção local de insumos, como o Laboratório Cristália. “O fato de termos produção própria de IFAs nos blindou”, diz Ogari Pacheco, cofundador e presidente do conselho do Laboratório Cristália, que produz medicamentos biotecnológicos e desenvolve insumos próprios há mais de 40 anos.

Para Reginaldo Arcuri, presidente da associação Farma Brasil, a manutenção de uma política industrial voltada ao setor cobre uma lacuna deixada desde os anos do governo Collor, quando as indústrias do setor produziam até 50% dos IFAs dos medicamentos comercializados internamente. A abertura comercial daqueles anos trouxe remédios mais baratos e produzir localmente a matéria-prima já não compensava mais.

Hoje, porém, o Brasil vive uma combinação de fatores que poderia dar base a uma “nova Embraer” do setor farmacêutico, compara Arcuri. De Negri, por sua vez, vislumbra inovações disruptivas capazes de mudar o papel do Brasil no mundo. “Uma inovação tecnológica muda a balança comercial de um país substancialmente.” Para ela, o adensamento de cadeias locais veio para ficar por se tratar de um projeto conjunto com a iniciativa privada. “Não veio só da nossa cabeça, foi construído junto com o setor produtivo para ter algo mais robusto”, conclui. ■

↑
Mansur, da Nortec, fechou novos contratos para fornecimento de insumos por causa da guerra no Irã



/INDÚSTRIA FARMACÉUTICA/

PLANO DE VOO

APELO DAS CANETAS EMAGRECEDORAS E CHEGADA DE NOVAS FÓRMULAS LEVAM SETOR A PROJETAR SALTO DE 10,6% NO FATURAMENTO EM 2026

POR **JACILIO SARAIVA**

O mercado farmacêutico brasileiro alcançou um faturamento de R\$ 160,7 bilhões em 2024, crescimento nominal de 12,8% em relação ao ano anterior, com a venda de seis bilhões de embalagens, superando em 5,3% o volume registrado em 2023. O dado oficial, considerado o mais recente sobre o setor, consta do Anuário Estatístico do Mercado Farmacêutico, estudo divulgado em agosto de 2025 pela secretaria executiva da Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos (CMED), da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Além do aumento nas vendas de medicamentos em geral, o segmento aguarda um grande salto nos dígitos de faturamento, com o avanço das canetas emagrecedoras. Estimativas do Itaú BBA apontam que esse nicho tenha encerrado 2025 com uma movimentação em torno de R\$ 10 bilhões e possa atingir R\$ 50 bilhões em 2030, com a entrada dos genéricos do GLP-1 (nome técnico para essa categoria de soluções). A queda da patente da semaglutida — princípio ativo que reduz o apetite — aconteceu em março de 2026.

NÚMEROS DAS CANETAS EMAGRECEDORAS NO BRASIL

Em %

Taxa média de crescimento ao ano (CAGR) nos últimos cinco anos	39
Crescimento agosto/2024 a julho/2025	58
Parcela das vendas de produtos com semaglutida agosto/2024 a julho/2025	75

Movimentação de vendas — agosto/2024 a julho/2025 — R\$ 6,5 bilhões

Projeções do faturamento do mercado de canetas emagrecedoras no Brasil — em R\$ bilhões

2025	10
2030	50

Fonte: Anuário Estatístico do Mercado Farmacêutico 2024, CMED/Anvisa — Relatório de comercialização enviado pelas empresas, dados referentes a 2024, processados em julho/2025, IQVIA e Itaú BBA

Segundo Grazielle Alves, gerente sênior da consultoria EY-Parthenon, as projeções do setor indicam um salto de 10,6% no faturamento da indústria farmacêutica nacional em 2026 ante 2025. “Os números sustentam o Brasil como o maior mercado da América Latina, responsável por 42% das vendas regionais, e colocam o país entre os dez maiores mercados globais, com um crescimento impulsionado pelo envelhecimento da população e pela prevalência das doenças crônicas”, analisa. A proporção de idosos (60 anos ou mais) na população brasileira quase duplicou entre 2000 e 2023, subindo de 8,7% para 15,6%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Entre as principais movimentações da indústria em 2026, a especialista em ciências da saúde destaca o avanço da oferta, da competição e de novas formulações do GLP-1. “É a classe [de medicamentos] que mais ‘puxa conversa’ de investimento e acesso no curto prazo”, diz ela. Um exemplo disso é a evolução dos modelos injetáveis para formulações orais, assinala. “A agência americana Food and Drug Administration (FDA) aprovou uma versão oral do Wegovy [semaglutida] em dezembro de 2025.”

O desafio para o mercado brasileiro, diz Alves, será repensar padrões de financiamento para que os consumidores tenham acesso aos novos tratamentos. “Uma das dinâmicas que veremos em 2026 será a nacionalização e expansão da oferta, como o lançamento de canetas de liraglutida [indicada para o tratamento do diabetes tipo 2 e no auxílio ao emagrecimento] com preços a partir de R\$ 300.”

A AstraZeneca, que atua no desenvolvimento de medicamentos de



Gibim, da AstraZeneca: soluções para uma abordagem mais abrangente da saúde metabólica



DIVULGAÇÃO

71

prescrição em oncologia, doenças raras e biofarmacêuticos, vai trabalhar com as canetas emagrecedoras, avisa Alexandre Gibim, vice-presidente da multinacional para a América Latina. “Temos três moléculas no ‘pipeline’, cujos estudos clínicos estão em andamento há pelo menos um ano”, adianta.

Em janeiro de 2026, a companhia com sede no Reino Unido anunciou um acordo com a farmacêutica chinesa CSPC Pharmaceuticals para o desenvolvimento e comercialização de terapias voltadas para perda de peso e diabetes, incluindo alternativas orais. “A estratégia busca avançar em soluções que contribuam para uma abordagem mais abrangente da saúde metabólica, como a preservação da massa magra.”

A agenda do executivo também

guarda outros compromissos para o segundo semestre. “Entre as principais apostas estão os avanços em tratamentos para câncer de mama e de pulmão”, acrescenta.

Em 2025, a AstraZeneca registrou receita global de US\$ 58,7 bilhões, um aumento de 8% a câmbio constante (CER) em relação ao período anterior. Na carteira de inovação, divulgou 16 resultados positivos de estudos clínicos de fase 3 e obteve 43 aprovações regulatórias em mercados-chave, ao longo do ano. Estudos clínicos de fase 3 representam a etapa final de testes em humanos antes de um novo medicamento ser aprovado pelas agências regulatórias.

Na Novartis, conhecida por formulações como o onasemnogeno abeparvovec (nome comercial Zolgensma) – indicado para a atrofia muscular



72

espinhal (AME), doença que compromete o desenvolvimento motor de crianças —, o planejamento inclui novos tratamentos para doenças renais raras. “Um dos destaques é a iptacopana, lançada no fim de 2025 e aprovada para glomerulopatia C3 [C3G], uma doença renal grave”, detalha Sylvester Feddes, presidente da Novartis Brasil. “Trata-se da primeira terapia aprovada no país para essa condição.”

Somente em pesquisa clínica, a companhia, que registrou vendas líquidas globais de US\$ 54,5 bilhões em 2025, investiu, no período, US\$ 23,4 milhões (cerca de R\$ 145 milhões) no Brasil, um incremento de 45% em relação a 2024. A maior parte do aporte, segundo Feddes, seguiu para estudos em áreas como oncologia, imunologia e doenças cardio-renais-metabólicas. O laboratório possui 107 estudos clínicos em andamento no país, envol-

vendo mais de 2,4 mil pacientes. “Nos últimos seis anos, lançamos 18 novos tratamentos no Brasil”, acrescenta.

Na avaliação de José Vicente Marino, diretor-presidente do Aché Laboratórios, uma maior atenção a projetos de inovação garante combustível para acelerar o fluxo de lançamentos na indústria. “Encerramos 2025 com um investimento em inovação equivalente a mais de 8% da receita líquida”, assinala. “Os recursos se traduziram em um ritmo recorde de lançamentos. No ano passado, colocamos no mercado 55 novos medicamentos, o equivalente a um produto por semana.” Durante 2026, a companhia prevê 60 novidades — 21 já estavam disponíveis em maio.

Para chegar a esse volume, uma das estratégias foi expandir a capacidade da fábrica em Pernambuco. Em setembro de 2025, anunciou um

investimento de R\$ 267 milhões, destinado à ampliação da entrega de medicamentos estéreis (livres de microrganismos). “A capacidade de produção de medicamentos sólidos deverá alcançar cinco bilhões de doses ao ano, ante os atuais três bilhões”, estima. “Já a fabricação de estéreis está projetada para 40 milhões de unidades anuais.”

No ano passado, o grupo que completa 60 anos em 2026 registrou receita líquida consolidada de R\$ 5,8 bilhões, uma evolução de 8,3% ante 2024. “Isso reflete a combinação entre aumento da demanda, renovação de portfólio, investimentos em inovação e ampliação da capacidade produtiva”, resume Marino. “Já temos pedido de registro na Anvisa para entrar no mercado das canetas emagrecedoras.”

Na EMS, 6% do faturamento anual é destinado ao Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Hortolândia (SP). “Somente em 2025, o número de pesquisadores no local passou de 800 para mais de 900”, afirma Marcus Sanchez, vice-presidente da EMS. Entre 2025 e o primeiro trimestre de 2026, a farmacêutica também costurou aquisições estratégicas para expandir o portfólio. No fim do ano passado, concluiu o processo de compra dos ativos de Anápolis (GO) da multinacional alemã Fresenius Kabi, de medicamentos injetáveis hospitalares. Em março de 2026, o grupo EMS, detentor da EMS, e a Sanofi anunciaram um acordo de compra e venda de 100% da Medley, uma das principais marcas de genéricos do Brasil.

Em 2027, a EMS deve investir mais de R\$ 1 bilhão numa nova planta em Manaus, anexa à unidade que construiu no local. “A proposta é avançar na produção de comprimidos,



Marino, do Aché Laboratórios: previsão para este ano é lançar 60 novidades no mercado

ampliando de 1,5 bilhão de unidades para dois bilhões, ao mês, até 2028”, revela Sanchez. A marca já atua no mercado de canetas emagrecedoras, com a Olire e a Lirux, com o princípio ativo liraglutida. “Fechamos 2025 com R\$ 100 milhões em faturamento nesse segmento e projetamos superar R\$ 250 milhões em 2026”, informa. O grupo EMS concluiu 2025 com um faturamento de R\$ 10,9 bilhões, um crescimento de 6,7% ante 2024.

Fernando Sampaio, presidente da Sanofi no Brasil, diz que o laboratório não tem projetos no campo das canetas emagrecedoras, mas que não faltarão novos produtos nas prateleiras. “Temos 77 projetos focados em gerar soluções inovadoras, sendo 43% deles dedicados à imunologia”, adianta. O Brasil está no centro desse arranque, afirma. “Sete das onze moléculas mais promissoras do nosso ‘pipeline’ global estão em fase de testes clínicos no país.”

Neste ano, a Sanofi já embalou três novos medicamentos para o mercado local. A lista inclui o fitusirana sódica (Qfitlia), para o tratamento de hemofilia A ou B; o teplizumabe (Tziield), capaz de adiar o início dos sintomas do diabetes tipo 1; e o Belumosudil (Rezurock), recomendado para atuar na doença crônica do enxerto contra o hospedeiro (DECHc), complicação que pode ocorrer após transplantes de células-tronco.

“Globalmente, mantemos em 2025 um investimento de 7,8 bilhões de euros [cerca de R\$ 47 bilhões] em pesquisa e desenvolvimento”, afirma o executivo, acrescentando que o valor é 5,4% maior do que o registrado em 2024. No ano passado, o conglomerado inflou os investimentos no Brasil, destinando R\$ 153 milhões para pesquisa clínica, valor que foi



Frangioni, da
Blanver: opções
para oncologia e
o sistema nervoso
central



DIVULGAÇÃO

73

triplicado nos últimos três anos.

Outros laboratórios conhecidos pela inovação no setor de medicamentos, como Roche, Cristália, Eurofarma e Blanver, também montam novos planos para 2026 e 2027. A Roche tem terapias na área de canetas emagrecedoras em fase de estudos clínicos e mantém uma parceria global com a dinamarquesa Zealand Pharma para o desenvolvimento da petrelintida, molécula voltada ao manejo do sobrepeso e da obesidade, segundo Alberto D’Angelo, diretor de finanças e serviços da Roche Farma Brasil.

No Cristália, uma das novidades é a inauguração de uma planta de genética aplicada em Campinas (SP), com investimentos de R\$ 70 milhões. “Vai viabilizar a produção de medicamentos personalizados, que ajustam os tratamentos ao perfil genético do paciente, para uma maior eficácia e

menos efeitos colaterais”, diz Ogari Pacheco, cofundador e presidente do conselho da empresa.

Andréa Frazão, diretora da unidade de prescrição médica na Eurofarma, ressalta a aliança com a dinamarquesa Novo Nordisk para expandir o alcance nacional da semaglutida injetável, por meio das marcas Poviztra e Extensior, à venda desde 2025. “Estamos presentes em 4,7 mil municípios brasileiros, o que amplia o alcance dos produtos”, argumenta.

Na Blanver, de produção de fármacos para pessoas com HIV, o CEO Sérgio Frangioni sinaliza diversificar a atuação, com opções para oncologia e o sistema nervoso central. “Operamos duas unidades industriais em São Paulo e estamos implantando uma terceira, dentro de um ciclo de investimentos de R\$ 900 milhões, até o final da década”, diz. ■